

# O CORPO COMO LINGUAGEM E A LINGUAGEM DOS SINAIS<sup>1</sup>

## *THE BODY LIKE LANGUAGE AND THE LANGUAGE OF SIGNALS*

Silvia Miguel de Paula PERES<sup>2</sup>

### RESUMO

*Este artigo versa sobre a complexidade do adoecer humano por meio do pensamento homeopático nas suas relações com o pensamento analógico, na cidade de Piracicaba, interior paulista. Como uma especialização médica, a Homeopatia apresenta sua problemática interpretando as doenças de acordo com três níveis de relações causais: naturais, sociais e cosmológicas, tais como o fazem outros modelos cognitivos como a Antropologia da Saúde (americana) e a Antropologia da Doença (francesa). A complexa questão da causalidade das doenças e dos sofrimentos encontra, nestas teorias e também na Homeopatia, a conexão a uma lógica de conjunção constante (propriedades vibracionais para a Homeopatia), que se difere do dualismo cartesiano presente no modelo biomédico.*

*Palavras-chave: Homeopatia - Biomedicina - Adoecer humano - Corporalidade - Representações Sociais.*

### ABSTRACT

*This work discusses the human sickening process complexity through the homeopathic thinking, and its relations to the analogical thinking in the city of Piracicaba, São Paulo. Like a medical specialization, the Homeopathy interprets diseases according to three levels of causal relations: natural, social and cosmological, such as in other cognitive models like Health Anthropology (American) and Disease Anthropology (French), it represents a problem to classical Medical Schools. The complex matter of the disease causes and pain finds, in these theories and also in Homeopathy, the connection to a constant logical conjunction (positive features for Homeopathy), in opposition to the Cartesian dualism present in the biomedical model.*

*Key-words: Homeopathy - Biomedicine - Human sicken - Corporality - Social Representations.*

---

<sup>1</sup> Artigo Extraído da dissertação de Mestrado em Antropologia denominada Homeopatia e Pensamento Analógico, 2003, UNESP – Araraquara.

<sup>2</sup> Professora da Faculdade Salesiana Dom Bosco e da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Doutoranda Ambiente e Sociedade, NEPAM - IFCH, UNICAMP. E-mail: silviamperes@uol.com.br

## 1. Introdução

O que é um corpo? É um organismo imanente? Pode ser investigado isoladamente das relações que o envolvem? É organizado por partes como uma perfeita máquina? Ou somos direcionados a um movimento de transcendência? Como interpretar a diversidade de representações do homem sobre si mesmo, sobre o adoecimento e sobre o mundo? De que tipo são as relações existentes entre a esfera biológica, a esfera cultural e a cosmológica? Por que sofri o contágio de um vírus e meu irmão que estava comigo e vivenciou a mesma experiência não se contagiou? É possível pensar que haja algo em mim que escolheu ou tenha atraído uma doença? Enfim, existe doença em si mesma, à parte daquele que adocece?

Estas questões serão respondidas a partir das entrevistas realizadas com homeopatas residentes na cidade de Piracicaba, interior paulista, durante o ano de 2001.

Inserida como uma especialidade da medicina biomédica<sup>3</sup> quanto ao seu aspecto formal, a Homeopatia, no entanto, se pauta por mecanismos analógicos para interpretar tanto as enfermidades quanto os sofrimentos do ser humano. Ela pensa as doenças privilegiando as relações tecidas no mundo natural, social e cosmológico e o corpo adoecido é visto como localidade em que se expressa um conjunto de relações que o transcendem, relativizando a dimensão biológica como dominante sobre a cultural.

Sendo assim, o presente artigo é parte de uma dissertação de mestrado que discute a complexidade do adoecer humano através das relações entre o pensamento homeopático e o pensamento analógico (mágico).

Este estudo foi realizado na cidade de Piracicaba, por ser uma cidade em que a Homeopatia se encontra em plena expansão, tanto em relação ao número de médicos, quanto à adesão dos clientes. Esta cidade possui alguns aspectos que contribuem para tal expansão, como por exemplo, a característica de ser a única do interior paulista que possui um Instituto de Homeopatia, um Centro de Estudos Homeopáticos e uma sede regional da Associação Paulista de Homeopatia, que oferecem cursos de pós-graduação para médicos, cirurgiões dentistas e veterinários, abrindo espaço para maior divulgação do

pensamento e da prática terapêutica a profissionais da saúde humana e animal. Além disto, a proximidade que existe entre Piracicaba e os grandes centros urbanos, como Campinas e São Paulo, possibilita um circuito de informações ligadas aos acontecimentos nesta área assim como às novas descobertas em Homeopatia.

## 2. Objetivo

O objetivo desta pesquisa foi por meio das diferentes maneiras de diagnosticar e tratar as patologias na medicina biomédica e na Homeopatia, buscar reconstruir a cultura como um macro campo cognitivo, isto é, como linguagem de saberes e como emergência de complexidades, em que os diversos saberes sobre saúde se cruzam, se tangenciam, se complementam, se opõem, mas não são construídos partindo necessariamente das mesmas realidades.

Num momento de crise sócio-econômica no país por um lado, num momento de busca pela transcendência ao modelo biomédico por outro, cria-se um espaço favorável à expansão de saberes alternativos, sendo que a Homeopatia e a Acupuntura já se encontram reconhecidas institucionalmente pela AMB (Associação Médica Brasileira) e pelo CRM (Conselho Regional de Medicina).

Esta condição favorece, inclusive, que a Homeopatia possa ganhar a forma conveniada, como em Piracicaba, garantindo por um lado, a expansão dos seus serviços e a extensão a setores que de outra forma teriam dificuldade de acesso a elas. Por outro lado, garante as próprias estratégias de sobrevivência desses profissionais, num contexto urbano em que necessitam disputar a clientela com outros profissionais que pensam a doença enfatizando a supremacia das funções biológicas sobre a energia vital.

## 3. Procedimentos Teórico-Metodológicos

Para que a dissertação fosse desenvolvida, alguns procedimentos foram adotados, tais como a realização de várias entrevistas com os 22 homeopatas da cidade, o que permitiu um alargamento da temática do adoecer ligada também ao sofrimento do ser humano, encontrando na Antropologia Simbólica e na Antropologia da Doença

<sup>1</sup> Medicina biomédica: visão médica convencional, sistema predominante de tratar o adoecimento no Ocidente.

(francesa) meios de se aprofundar nesta questão. Nesse aspecto, o estudo do adoecer foi visto como um terreno no qual vários modelos de análise propõem interpretações. Contudo, o estudo da corporalidade humana e dos processos culturais vem ganhando interesse e fôlego, estando cada vez mais presente nos debates antropológicos, em que é questionada a disjunção corporeamente e outras interações presentes no modelo biomédico.

Nessa perspectiva, as entrevistas com os homeopatas serão pensadas à luz de uma discussão antropológica a respeito do pensamento analógico expresso pela Homeopatia. Os diálogos e a convivência das duas visões polares sobre o corpo e seus infortúnios, saúde e formas de cura na Homeopatia e na Biomedicina, cada qual com sua legitimidade, levarão a um aprofundamento dos conceitos presentes, sobretudo na Antropologia da Doença, corrente francesa da discussão.

Os conceitos destacados serão: a) uso social da doença; b) lógica da conjunção constante, c) representações sociais de doença; d) eficácia simbólica de cura, entre outros.

#### **4. A corporalidade humana: uma junção entre natureza e cultura**

A corporalidade humana consiste num conceito antropológico que permite a compreensão das relações que se expressam no corpo, sejam sofrimentos, infortúnios, doenças ou mesmo situações ligadas à saúde. Toma o corpo como eixo em torno do qual os símbolos do mundo estão presentes. As relações naturais, sociais e simbólicas interagem a todo o momento na vida do ser e tecem um novelo de situações que demonstram as interações existentes entre a natureza e a cultura, que serão trabalhadas neste item.

As pistas fecundas abertas por Lévi-Strauss (1970) sobre conhecimento erudito x magia, arte x técnica, natureza x cultura, ajudam a desconstruir estas oposições binárias – originalmente pensadas sob a estrutura – e estendê-las à oposição Homeopatia x Biomedicina. O autor enfatiza que as oposições operam conjuntamente e são complementares na elaboração de um saber mais abrangente; também estes (Homeopatia e Biomedicina), como outros, partem de uma origem comum dentro da história do pensamento ocidental. Lévi-Strauss considera que a magia realiza no plano

cognitivo uma menor fragmentação na apreensão do mundo, porque consiste num conhecimento mais totalizador.

Ao conceber a doença como *estado*, o modelo biomédico dicotomizou a pessoa humana, onde corpo e alma são partes relativas a âmbitos não correlacionados de estudo (CAPRA, 1982; LUZ, 1988; LAPLANTINE, 1991). Seguindo essa linha, de acordo com Laplantine (1991), o corpo é tomado como parte intrínseca ao organismo individual, isto é, seu funcionamento e suas doenças são compreendidos a partir da internalização dos sintomas, da presença de lesões e funções, por exemplo, fisicamente manifestos. Já outros modelos de análise vêem o corpo como uma corporalidade, isto é, a sede das relações do ser com o mundo, compreendendo-o no contexto em que suas representações sociais são construídas, ultrapassando, dessa forma, a cisão corpo x alma e reinserindo a subjetividade no resgate à singularidade humana (BUCHILLET, 1991; ZÉEMPLÉNI, 1994; LANGDON, 1995; OLIVEIRA, 1998).

Para construir sua concepção de doença a medicina biomédica dissecou o corpo humano, compreendendo-o fora das determinações sociais, isolando-o das relações, da subjetividade e da religiosidade (que é uma das esferas das indagações existenciais), tomando o ser como um organismo imanente. Porém, os estudos de antropólogos em sociedades não ocidentais, privilegiaram a análise das relações existentes entre ordem social, ordem biológica e ordem do mundo. O adoecer foi tomado como representação simbólica, que emerge na cultura e nas relações sociais e sua coerência foi também encontrada no âmago da realidade sócio-cultural e simbólica das pessoas (BUCHILLET, 1991; ZÉEMPLÉNI, 1994; LANGDON, 1995).

A partir das discussões atuais realizadas sobre *causalidade e eficácia de cura, pluralismo e itinerário terapêutico* presentes nas teorias antropológicas, sobretudo na Antropologia da Doença, nota-se uma convergência com alguns pressupostos do pensamento homeopático, como por exemplo, a própria concepção do corpo representando o mundo das relações e das simbolizações.

#### **4.1. De como se adoecer as razões do adoecer**

Para que se construa a discussão sobre as representações do adoecer humano na Homeopatia, serão

importantes as contribuições de Zémpléni (1994), que engloba três esferas distintas, quando retoma da *Medical Anthropology* (corrente americana da discussão que opera o conhecimento numa perspectiva pragmática - de ação entre os grupos subalternos – conforme Buchillet, 1991), a seguinte tríade: *disease-illness-sickness*.

A *disease* compreende os sintomas biofísicos identificados e diagnosticados pelo médico como doença, comprovados, por exemplo, em laboratório (doença como estado). A *illness* compreende a sensação subjetiva individual, a representação do mal estar, a indisposição, o sofrimento. Já a *sickness* compreende o significado social da doença, é a imagem da doença construída socialmente e que confere ao doente uma identidade, remetida à sua dimensão cultural (ZÉEMPLÉNI, 1994). Significado e sentido social da doença (*sickness*) abrem caminho para a percepção da dimensão simbólica, que nasce no interior das relações sociais, fundamentando a compreensão do adoecimento em cada sociedade (BUCHILLET, 1991; ZÉEMPLÉNI, 1994).

De acordo com Zémpléni:

...posso ficar subjetivamente, depois objetivamente “doente”, e até morrer após ter sido vítima desta etiqueta genérica ou de uma denominação etnológica específica, como por exemplo, portador do “vírus da AIDS”, “esquizofrênico”, (...), vítima ou suposto agente de feitiçaria ou magia, etc (ZÉEMPLÉNI, 1994, p. 138).

Este mesmo autor pretende salientar o papel da imagem da doença frente à sociedade. Esta imagem, ou etiqueta, configura a representação da doença como coerente a sua realidade social, seja ela qual for.

No que toca a visão de doença da Biomedicina, vista como expressão do contexto histórico e social da racionalidade cartesiana, o corpo é visto e tratado como algo separado da sociedade e das representações construídas. Os pensamentos do paciente não são geralmente levados em conta, o que vale mesmo é o exame laboratorial e a classificação dos sintomas, que juntos configuram a doença específica.

Sendo assim, analisando o modelo biomédico, é possível perceber que ele enfatiza uma supremacia da *disease* sobre as categorias *illness* e *sickness*. Vê o corpo compartimentado, a doença como uma entidade exterior universal e, ao privilegiar apenas a *disease*, designa uma

superioridade ao aspecto biológico da estrutura física, desconsiderando ou não priorizando as outras dimensões que envolvem este mesmo corpo, a corporalidade, isto é, a *illness e sickness*. Conhece-se pela Biomedicina o processo biológico de ativação dos mecanismos que levam à doença, ou seja, o *como* se adoecer. As *razões* do adoecer pertencem a um outro campo de cognição, como será visto posteriormente.

Não se trata de desprezar os fatores biológicos das doenças, mas enaltecer a dimensão cultural da realidade da doença e da cura (BUCHILLET, 1991). Afinal, a *disease* (doença) também é interpretada na cultura ocidental, isto é, pela *sickness* (definição sócio-cultural).

Pensando de acordo com Buchillet (1991) e Zémpléni (1994) a respeito das diversas abordagens de causalidade da doença, que enfatizam nas razões do adoecer, as suas causas últimas, foi notado nas entrevistas realizadas com os homeopatas que eles priorizam mais a manifestação do desequilíbrio em si (*illness*), em detrimento das suas causas transcendentais. Todos, na verdade, expressaram que o adoecimento é fruto de uma multicausalidade tão complexa e inconstante, que não caberia ao médico buscá-la, mas sim tratá-la enquanto manifestação de uma desordem física e mental, expressa pela não realização de um potencial:

O adoecer é pura e simplesmente o indivíduo tirado daquilo que é o potencial de vida dele, você tem um potencial para desenvolver e por alguma razão não consegue e começa a adoecer...(informação verbal)

Pela maior vulnerabilidade diante do sofrimento:

É por um conjunto que o indivíduo adoecer; a doença não vem por acaso... algumas pessoas adoecem bem mais apesar de serem até aparentemente mais fortes fisicamente, então acho que a doença é um externamento da pessoa interior, é um complemento do que está se passando por dentro da pessoa... uma alteração daquele indivíduo naquele momento da vida dele...(informação verbal)

Pela causalidade multifatorial:

As causas do adoecimento são multifatoriais, são várias as hipóteses colocadas...(informação verbal)

Pela necessidade de evolução como ser humano:

Porque as pessoas adoecem? Eu acho que é justamente para incentivar, fazer com que a pessoa

consiga enxergar o que ela tem, para ela crescer espiritualmente, para ela evoluir como ser humano, ela tem muitas vezes que sentir na pele que isso vai fazer ela parar para pensar...(informação verbal)

Estas representações demonstram que o adoecimento é visto por ângulos diferentes; não é visto por este grupo de médicos por um determinismo do agente causal biológico (vírus, bactéria). Os níveis de causalidade expressos por eles se enquadram no que Zémpléni (1994) denominou de *lógica da conjunção constante*, isto é, as causas são múltiplas e são repletas de subjetividades, que se abrem para um novo redimensionamento na vida do indivíduo, para reintegrá-lo a sua identidade.

Dessa maneira, o eixo da doença na Homeopatia se desloca da *disease*, da supremacia do biológico sobre o cultural, para a singularidade do ser. A enfermidade insere-se em cada história de vida, no modo como o doente enxerga sua realidade, o que nos remete ao seu aspecto simbólico e se relaciona com o ambiente em que se vive. Os homeopatas buscam a representação da doença (*illness*) e consideram importante para a cura essa integração consciente da pessoa com sua corporalidade:

Para exame de laboratório, para exame físico, para exame complementar, para outros meios, tudo isso aí são acessórios para complementar aquilo que já foi tirado da história. Então, além dessa história clínica, há uma história toda de vida do paciente que tem que ser abordada, sua trajetória, sua vivência na infância, sua vivência na escola, profissional, social, familiar, enfim, essa história de vida pode ser algo mais profundo que um sintoma ou uma doença de agora, pode ser uma manifestação de algo que já vem de muitos anos...(informação verbal)

O corpo é visto pelos homeopatas entrevistados confluyente ao conceito de corporalidade, uma relação que ultrapassa sua materialidade, ou seja, a matéria está totalmente ligada às representações simbólicas, construídas no contexto sócio-cultural e a recuperação da saúde depende da boa articulação destas ordens de relação. Como já foi visto, a Homeopatia associa o desequilíbrio da energia vital a uma pluralidade de causas.

Algumas entrevistas evidenciaram o fato das relações com crenças e religiões também causarem doenças ou desequilíbrios nas pessoas. Este é um aspecto que

aproxima a Homeopatia das medicinas tradicionais, pois ambas vêem o corpo como sede de várias relações, em que os indivíduos exprimem toda complexidade contida na interação com a ordem cosmológica, com o mundo e consigo mesmo (BUCHILLET, 1991).

Esta complexidade transcende a dualidade corpo e alma, natureza e cultura, já que a dimensão orgânica e fisiológica do corpo, o bom funcionamento dos órgãos em seus sistemas e funções é visto de modo coerente pelo ser que sente, que interage e que resiste ou se entrega aos infortúnios. Este ser vive em sociedade, pautada por costumes e padrões de sociabilidade, que, por vezes, vão sacrificar suas aspirações mais íntimas, desequilibrando-o em dimensões profundas e manifestas pelas vozes do corpo.

#### 4.1.1 Visão interna x Visão externa das doenças (Miasmas, psoras e noxas)

O contágio, o miasma, a psora ou a visão *exógena* de doença (presentes também no modelo biomédico), são analisados pelos homeopatas como sendo uma susceptibilidade acometida por um desequilíbrio, decorrente de fatores externos e internos, que abrem espaço para a entrada (ou contágio) de um agente externo qualquer que realiza esse caminho de transformação identificado como doença.

Na concepção homeopática de doenças, a visão *exógena* é vista atuando junto à *endógena*, não há divisão entre um mal que vem de fora ou um mal que emerge de dentro. O ser também tem responsabilidade sobre sua desordem ocasionada pela junção de condições naturais (vírus, bactéria) e condições subjetivas individuais e sociais. De modo analógico, uma desgraça quando acomete um grupo cultural fragiliza as pessoas em seu conjunto, podendo provocar distúrbios na saúde em uma boa parte delas (LAPLANTINE, 1991).

A partir desta discussão, outro termo desenvolvido no interior da Homeopatia também se refere a agentes desequilibradores da saúde humana: a noção de *noxa*. A noxa representa uma idéia de agressão ou um fator que desequilibrou o ser de maneira que ele começa a desenvolver patologias. Pode ser advinda de crises de relacionamentos, pode ser ocasionada por algum acontecimento forte, como terremotos, acidentes, notícia ruim. É vista como um estímulo contrário à boa fluidez da energia vital (ROSENBAUM, 1998). Nas entrevistas esta noção foi muito citada:

A doença é um fenômeno que é fruto de outro, isso que nós chamamos de *noxa*, que é a agressão ao pensamento mental... *noxa* é uma agressão ao indivíduo, por exemplo uma criança abandonada, uma criança que a mãe vai para o trabalho e põe ela na escolinha ou deixa com a empregada... Se esse sofrimento mental o organismo conseguir somatizar ele libera a mente, vai sofrer menos. Se não conseguir, ele continua sofrendo, vai sofrendo cada vez mais, atingindo cada vez mais planos profundos dentro do organismo. Por exemplo, ao invés de atingir uma lesão de pele, vai atingir o estômago, o pulmão...(informação verbal)

Outra fala que nos remete ao termo *noxa*:

Então as causas são as *noxas*... por exemplo, a mulher separou do marido e desde então ela começou a ter isso, isso, isso e aquilo vai, você vê que aquilo foi o ponto que desencadeou o resto...(informação verbal)

Uma contribuição importante para este tema vem de Rosenbaum (1998), em virtude de destacar a noção de *noxa* se diferenciando da de *susceptibilidade*. Para ele, a *susceptibilidade* expressa a singularidade de cada ser, pois a *noxa* ou a mesma influência: “desencadeia respostas não homogêneas nos indivíduos (...) a não homogeneidade destas respostas pode ser traduzida como susceptibilidade individual” (ROSENBAUM, 1998).

Isto quer dizer que o adoecimento expressa, para os homeopatas, uma ação que opera na esfera complexa do ser, já que mesmo estímulos semelhantes podem desencadear reações diversas em cada um.

Rosenbaum (1998) destaca, também, o papel do doente em sua recuperação, ao mencionar uma carta de Hahnemann (criador da Homeopatia) a um paciente, em que ele faz um pedido de afastamento do doente daquilo que o aflige, afirmando a importância de uma postura mental da pessoa diante de seus infortúnios, mostrando que nenhum remédio age sozinho.

Nesse sentido, é possível constatar que as representações simbólicas são derivadas das experiências da vida real, que por sua vez são sócio-culturais, heterogêneas e mutantes, e estas, podem ocasionar o adoecimento (como *noxa*), como também auxiliar o processo de cura ou de transformação, sem

necessariamente “precisar” adoecer. Se algum *noxa* desequilibra uma pessoa ocasionando uma doença (acidente, morte, traumas, desentendimentos, stress no trabalho), esta pode ser levada a questionar valores mais profundos que acreditava serem intransponíveis. Quando ocorre uma reflexão interior, referente à situação vivida, a melhora pode acontecer mais rapidamente. Hahnemann (apud ROSEMBAUM, 1998), denomina essa convergência entre a cura do corpo e a responsabilidade da mente de *regime mental auxiliar*, que significa uma postura de defesa da pessoa em relação às *noxas* ou uma superação das questões referentes a esta última, pois uma atitude contrária pode manter a saúde debilitada e retardar ou impedir o caminho de cura.

Nas palavras de um homeopata entrevistado:

A gente nunca pode esquecer o social. Só que eu não vejo como a Homeopatia pode interagir inteiramente com o social, não sinto isso, eu estou há sete anos trabalhando efetivamente no campo e a gente nota que o social depende muito de como você conversa com a pessoa. O remédio em si pode até ajudá-la a ficar em equilíbrio, mas se ela não tomar algumas condutas sociais, por ela, eu não vejo como a Homeopatia possa ajudar diretamente nisso...A doença comportamental depende muito do que a pessoa quer para si, se o empresário quer trabalhar 14 horas por dia, você pode fazer o que quiser que ele vai continuar trabalhando e vai continuar tendo os mesmos sintomas e os mesmos comportamentos sociais. Tenho dois ou três gerentes de banco que tratam comigo e continuam com aquele mesmo batidão, com a mesma úlcera, com aquele mesmo grau de stress...(informação verbal)

No depoimento de dois outros:

Põe dez indivíduos no mesmo local, um vai ter enfarto, outro vai ter úlcera, o outro vai ter uma pneumonia, outro um simples resfriado e outros não tem nada, mesmo estando no mesmo ambiente e nas mesmas condições. Quer dizer, cada um é um, é uma individualidade, e cada um tem um meio particular de reagir e de manifestar doença. Então a doença se manifestou de vários modos, agora, culpar só a sociedade é muito cômodo, isso daí é uma totalidade. Quer dizer, pode a sociedade estar

contribuindo para desencadear algo que já existe predisposto no indivíduo, há uma susceptibilidade. E essa predisposição é muito levada em consideração na Homeopatia, e isso requer não só o medicamento mas uma postura de vida. E muitas vezes a coisa não está naquilo que vem de fora, mas o modo como nós vemos aquilo, o modo como encaramos aquilo. Muitas coisas que magoavam quando criança, hoje são coisas muito superadas e amanhã vamos considerar muitas coisas que nos afetam hoje como de menor importância...é porque alguma coisa ressoou em nós e nós temos algo de identidade com isso que nos afetou e, mudando essa identidade interior, em relação ao que nos afetou, isso deixa de nos afetar...(informação verbal)

Você não pode acreditar que é um ser humano isolado, que não tem interferência nenhuma do outro, ou de outras formas de energia... a pessoa tem que estar ciente que existem formas de se rebater, de se proteger... a pessoa entra e a gente já sente que a pessoa é depressiva, ela não precisa falar nada. Porque ela tem toda uma característica, como a postura dela, o jeito de andar, de olhar, do falar e uma outra coisa que a gente sente também e eu acho que é dessa coisa da depressão. E se você não tem mecanismos de defesa você acaba pegando essa energia mais alterada dela e acaba tendo sintomas que não são seus, são do paciente...(informação verbal)

A analogia que os homeopatas realizam entre as *noxas* e o adoecimento evidencia uma diferença significativa entre a Homeopatia e o modelo biomédico. Como já foi mencionado, a Biomedicina interpreta o adoecer pela relação de causa e efeito linear e biológica; o corpo é visto como um organismo que não se expressa e que não se relaciona com a mente em seus mundos. Entretanto, na Homeopatia, a noção de *noxa* nos mostra a doença como fruto de outros problemas na vida da pessoa e também ao seu redor, como metáfora (SONTAG, 1984), atingindo planos profundos no organismo, forçando uma reflexão também no plano da consciência. A doença seria como um *caminho* a ser percorrido, para a pessoa atingir uma autoconsciência da sua vida e redimensionar seus passos (DETHLEFSEN & DAHLKE, 1983).

O desequilíbrio causado pela *noxa* é tomado como um agente que desencadeia o estado de desarmonia, alterando o fluxo da energia vital no ser, fazendo com que

este adoença. Nas entrevistas, foi nítida a preferência dos homeopatas pela causalidade energética como definidora da biológica, isto é, a doença sendo vista como uma expressão da alteração da energia do indivíduo:

Como a pessoa adoeceu é uma coisa que você conhece, o médico homeopata é um profissional médico, então ele conhece a fisiologia, a patologia, a bioquímica, agora o porquê de ter alterado aquilo se a gente soubesse realmente seria tão mais fácil controlar coisas aí que assolam a humanidade...(informação verbal)

Este depoimento evidencia que a noção de *noxa* contém um caráter de incerteza, nos mostrando que nem sempre os problemas humanos decorrem de situações conscientes e claras, pelo contrário, advêm do obscuro universo que envolve a corporalidade em sua interação com as relações sociais, as dimensões cosmológicas e os símbolos naturais e culturais.

#### 4.1.2 As doenças crônicas

A visão sobre o adoecer na Homeopatia também divide o processo em duas tendências: a doença crônica e a doença aguda. Conforme Hahnemann (1984), ambas podem existir juntas, ou seguidamente, ou uma pode ser o desenvolvimento da outra. A doença crônica é vista como um desequilíbrio que sempre acomete a pessoa de tempos em tempos como a alergia, por exemplo, e pode se desenvolver com mais sintomas gerando novas doenças. A doença aguda é uma manifestação imediata do corpo, uma reação geralmente forte do organismo em relação ao seu infortúnio, como exemplo, a diarreia, o resfriado, a febre, ela pode se manifestar como resposta de uma continuidade da expressão da doença crônica, como, por exemplo, um ataque de asma:

Existem doenças agudas e doenças crônicas, a doença aguda é curta, rápida, tem uma tendência da pessoa em se curar, a cura é espontânea mesmo sem a pessoa fazer nada. A doença crônica já é mais lenta, se cronificou, é mais longa, os sintomas não são tão evidentes como na aguda, os sintomas são mascarados, como o nome diz né, crônica. Vou dar um exemplo, uma pneumonia é uma doença aguda, uma artrite é uma doença crônica. O que é mais fácil

tratar, uma pneumonia ou uma artrite? Uma pneumonia, a tendência é você curar o indivíduo, tanto na Homeopatia como na alopatia, é muito maior a chance de você curar do que uma artrite, que é uma doença crônica que está ali instalada, auto-imune, uma auto-destruição da pessoa em relação a ela mesma, então é muito mais complicado de tratar...(informação verbal)

#### 4.1.3 Unicismo, Alternismo, Complexismo, Pluralismo

A Homeopatia é dividida em linhas ou correntes que divergem pela conduta no uso de medicamentos para o tratamento do doente: a unicista (remédio único), a pluralista (mais de um remédio), a alternista (revezar o uso dos remédios) e a organicista (remédios designados à doença identificada pelo modelo biomédico) (BERGEL, 1997). Estas definições em parêntesis não representam o conteúdo exato das correntes de pensamento na Homeopatia, estas correntes são complexas e as discussões em torno das discordâncias e das oposições são profundamente subjetivas e também individuais, muito vinculadas à experiência clínica de cada médico e relacionadas à sua história de vida.

Isto quer dizer que cada médico se identificou com uma forma homeopática de curar, conforme a experiência cotidiana de tratamento, ao aderir a uma corrente específica da doutrina. Nessa perspectiva, identificamos em Piracicaba sete homeopatas estritamente unicistas, eles prescrevem somente um medicamento para cada paciente; quatro homeopatas que apesar de unicistas, muitas vezes prescrevem dois medicamentos, um de fundo e outro mais localizado (configurando serem pluralistas ou alternistas), e quatro homeopatas complexistas, sendo que dois deles são organicistas.

Identificados com a corrente unicista, que busca cobrir a totalidade da pessoa, observa-se aqueles que querem fugir da visão organicista da doença:

Eu sou unicista por formação e pelo que eu entendi o que é a Homeopatia me parece que o mais coerente é ser unicista, senão, eu posso estar fazendo alopatia com remédio homeopático... eu acho que a Homeopatia é unicista e que o resto é enfeite...(informação verbal)

Situados na mediação entre o unicismo e o organicismo, denominados de pluralistas:

O objetivo de todo homeopata é ser unicista, isso é o objetivo maior, é o ideal. Muitas vezes na prática a gente acaba fugindo um pouco. Então a gente sempre busca um único remédio, mas muitas vezes a gente não compreendendo bem aquele paciente ou o paciente não tendo condições de passar bem aquelas informações de uma forma que seja suficiente para a gente passar um único remédio, às vezes pode ser que eu dê um e outro remédio junto, mas sempre assim, num quadro agudo. Normalmente num crônico é um único remédio de cada vez, senão você está contra Hahnemann né!(informação verbal)

Também ocorre contradição nos procedimentos adotados por eles:

Jamais eu dou dois medicamentos ao mesmo tempo. Mas se você está tomando um medicamento e tem uma urgência que eu posso resolver com outro medicamento, aí eu dou outro. Às vezes a gente vê pluralista que dá fórmula de medicamento né, por que? Hahnemann é unicista, nós respeitamos muito a escola francesa que é organicista. Tem fundamento? Tem, mas a princípio organicismo significa pra mim alopatia feita com remédio homeopático. Você está tratando uma dor de cabeça com remédio homeopático, uma cólica com remédio homeopático, enquanto que o fundamento da Homeopatia não é esse...(informação verbal)

Este médico enfatizou que pretende, como homeopata, tratar o doente para que este não desenvolva doenças, argumentando que não é suficiente tratar apenas a doença. Na realidade, ele ignorou que a doença faz parte do viver e que por meio dela acessamos relações entre outras dimensões, que não são acessíveis facilmente. Ele prosseguiu dizendo que às vezes tem que lançar mão de um medicamento local, mas, pra isso, o profissional tem que estar num tratamento já unicista, e também, tem que saber que o medicamento homeopático não vai agir só na parte, ele vai atuar na corporalidade. Desse modo, na opinião deste entrevistado, se o homeopata tratar uma dor de garganta com remédio local, perdendo de vista o todo, ele pode causar outro problema e também acaba se distanciando do princípio da Homeopatia, que é o de equilibrar o paciente.

No depoimento de outro homeopata:

Na verdade a gente usa as várias linhas que existem, dentro da Homeopatia existe a escola unicista,

pluralista, complexista. Quando a gente faz a Homeopatia a tendência é todos nós sermos unicistas, quer dizer, tentar achar um remédio único para o paciente. Minha experiência é de trabalhar muito com crianças, tenho uma eficácia e uma experiência maior com mais de um remédio, seria a linha pluralista. Se a gente conseguir um remédio só melhor, porque é menos dedicação e às vezes o retorno é melhor, mas eu costumo usar mais de um remédio tá, não vejo problemas e não tenho dificuldade de usar mais de um remédio, agora a escolha é pessoal...(informação verbal)

Ele prossegue dizendo que quando se trata de quadros agudos e quadros repentinos que aparecem muitas vezes, com mais de um remédio é possível um melhor resultado. Diante de quadros crônicos, um remédio único obtém melhores resultados, mas ele argumenta que isso vai da experiência de cada um, que o importante é seguir as bases da Homeopatia do ponto de vista filosófico, do ponto de vista da semelhança e dos pilares, que seriam a lei da semelhança, poucos remédios e o processo de cura.

Na Homeopatia, a direção de cura é similar à metáfora do *descascar a cebola*. Ou seja, para se curar de uma doença profunda (crônica) muitas vezes é necessário que sejam dissolvidos lentamente os processos emocionais que levaram a pessoa ao adoecimento, produzindo até mesmo no caminho de volta à saúde outras doenças e sintomas de maneira cada vez mais superficial, como por exemplo, por meio de resfriados ou febres, até cessar as manifestações do desequilíbrio maior.

Diferentemente dos unicistas, os complexistas, os organicistas e os alternistas também justificam suas posições:

Eu sou organicista, eu acho assim que o remédio de fundo não vai curar tudo... eu acho que quando precisa tem que tomar remédio local, eu uso isso... esse remédio da parte você vai tomar junto com esse remédio de fundo entendeu? (informação verbal)

Este profissional também fez menção aos unicistas, dizendo que eles prescrevem um remédio único e mandam o doente tomar de hora em hora, acreditando que a forma com que o medicamento é usado melhoraria a dor. Prosseguiu dizendo que o que sua experiência demonstra é que isso não ocorre e que ele continua com o remédio de fundo direcionado ao equilíbrio e receita um remédio local.

No depoimento de dois outros homeopatas:

Eu posso dizer que sou um pediatra e me encaixaria como um alternista. É muito comum o paciente chegar e sair com dois ou três medicamentos do meu consultório, então eu diria alternista ou complexista, há semelhança da escola francesa...(informação verbal)

A Homeopatia ortodoxa vai atrás do que se chama de remédio único, que seria um medicamento que tem todas as características da pessoa, próprias dela, do seu temperamento, características da sua maneira de agir e tal. E é considerando o medicamento semelhante à pessoa que vai tratar com uma dose única todos os males. A Homeopatia não ortodoxa entende que as pessoas mudam, variam e se transformam, e os medicamentos de fundo da pessoa, vão variar de acordo com as fases da vida que a pessoa está passando. Não existe essa idéia de unicismo. Existe a idéia de pluralismo, pluralidade do ser humano na Homeopatia não convencional, não ortodoxa...(informação verbal)

Nesse contexto citaremos o caso de um homeopata formado pela escola organicista, e que pratica um outro desdobramento da Homeopatia, a *Tautoterapia*:

Eu sou o único aqui na cidade que trabalha com tautoterapia. Já ouviu falar em Tautoterapia? É um nome francês, logo do começo da Homeopatia, até está esquecido. Onde você pega a energia dos metais e produtos animais e você administra na pessoa. Quase que da forma como demonstra a sexta edição do Organon. A sexta edição do Organon se dedica muito a falar de doses em altíssima potência, cinquantesimal é cinquenta mil, a centesimal é cem, a decimal é dez. A tautoterapia trabalha muito baseado nisso. A presença do mineral, do metal e da substância animal é muito explorada nessa situação. Não tem aquela coisa de você pegar pedra (cristal) e colocar na testa para melhorar enxaqueca? É a mesma coisa. A tautoterapia é a mesma coisa que se eu pegasse a pedra e fizesse a mesma coisa, é mais ou menos esse o caminho. Então a interação é realmente fantástica. Isso é um conceito meu tá, muitos homeopatas discordam disso. Eu particularmente não concordo que esse tratamento seja pela semelhança, como fala Hahnemann, semelhante quando é semelhante, não. Nesse caso eu acho que: **elemento complementa elemento** tá? Se eu dou alguma coisa igual para alguém, às vezes há uma indagação: isso é um consenso homeopático, você piora para depois melhorar. Só

que às vezes você não precisa fazer isso, se eu trato um recém nascido com icterícia, se eu der um semelhante para um bebê com icterícia, com certeza ele pode piorar, pode ocorrer uma agravação, só que na agravação ele pode fazer uma doença. Eu não quero isso, então eu uso a Tauto, pego o fosforus em baixíssima potência e uso, o elemento está complementando o elemento, assim eu não estou trabalhando com semelhante, eu estou trabalhando com terapia complementar... (informação verbal, grifo nosso)

Os depoimentos dos homeopatas da cidade de Piracicaba explicitam não só uma heterogeneidade na adesão a linhas ou a escolas de Homeopatia, mas revelam quão plural e diversa pode ser a assimilação dessa filosofia no exercício clínico de cada profissional. A partir das falas que foram destacadas, não é difícil notar que cada médico possui sua própria experiência como curador e certa intimidade com uma ou várias direções de tratamento, como por exemplo, tendência à diversidade de medicamentos, ou a adoção de um remédio único, o uso de potências altas, ou de potências baixas, a relação com o efeito da semelhança, da oposição ou alcançando a contigüidade, onde *elemento complementa elemento*, etc.

Desse modo, a Homeopatia se configura como um saber que se abre para muitos campos emergentes do conhecimento e se desdobra cada vez mais para os âmbitos subjetivos da natureza humana. Ela remete a um debate antropológico atual, que permite a construção de indagações e questionamentos referentes ao ser como uma unidade multidimensional (MORIN, 1973;

BUCHILLET, 1991; ZÉMPLÉNI, 1995; LANGDON, 1995; OLIVEIRA, 1998, GERBER, 1999; AMORIM, 2000).

As leis da magia<sup>4</sup>, do pensamento analógico aqui presentes, atualizadas e ramificadas, conduzem o pensamento antropológico a um conceito de cultura aberto, trabalhado como um sistema dotado de tangenciamentos, uma vez que diversos saberes e visões da realidade se misturam em cada consciência e se reproduzem na criação de várias formas de cognição, que são operacionalizadas e enfocadas num mesmo espaço: na corporalidade.

## 5. A doença como metáfora

Zémpléni (1994) reconhece que a *causalidade* constitui um tema central nas discussões da Antropologia Médica Americana, porque tanto para um indivíduo visto como doente, como para outro que está desenvolvendo um mau comportamento frente à sociedade, a causa para estes fenômenos pode ser situada fora da vontade, da intenção da pessoa, no sentido de legitimar a atitude ou o comportamento desviante sem remeter à responsabilidade a quem o pratica.

A doença pode ser vista como metáfora, revelando um sentido figurado do sintoma criado pela pessoa doente (SONTAG, 1984; ZÉMPLÉNI, 1994), o que também converge com a Homeopatia.

Devido à pluralidade de causas reconhecidas nos inúmeros sistemas de cura, Zémpléni (1994) sugeriu uma tipologia que relaciona as causas às respectivas categorias identificadas:

DOENÇA	CAUSA	AGENTE	ORIGEM
QUAL DOENÇA?	COMO?	QUEM OU QUAL?	POR QUE?
SINTOMAS TAXONOMIA	MEIO MECANISMO	FORÇA EFICAZ	ACONTECIMENTOS CONJUNTURAIS
TERMINOLOGIAS CORRENTES	CAUSA INSTRUMENTAL (IMEDIATA)	CAUSA EFICIENTE	CAUSA ÚLTIMA (OU FINAL)

Fonte: ZÉMPLÉNI, 1994, p. 143

<sup>4</sup> Três leis da magia identificadas por Mauss podem ser percebidas na doutrina homeopática que rege a aplicação dos medicamentos: *a) a lei de contigüidade ou simultaneidade*, *b) a lei da semelhança ou identidade*, e *c) a lei da contrariedade ou oposição* (MAUSS, 1974, p. 93- 95, grifo nosso). A primeira exprime a idéia de que em toda parte existe o todo, que a partir da energia vital alterada, outros aspectos, tanto do corpo quanto das relações sociais estão, ou serão, prejudicados. A lei da similaridade ou identidade estabelece que o semelhante tem a capacidade de chamar, evocar outro semelhante, e também, o semelhante consegue curar seu semelhante, quer atraindo a doença, quer atraindo a cura. A terceira lei, a da contrariedade ou oposição, está diretamente relacionada à da similaridade, quer afastando seu contrário ou atraindo seu semelhante. Esta lei atua também na Homeopatia no plano dos sintomas. Quando o tratamento homeopático requer no todo do processo, por alguma razão, uma preocupação sintomática, ele o faz diferentemente da Biomedicina, que atua isoladamente apenas no plano dos sintomas biológicos, desconsiderando os outros fatores causais e simbólicos que podem comprometer a saúde do doente.

Para se chegar ao diagnóstico de uma doença, as medicinas tradicionais, a homeopática e a biomédica não utilizam as mesmas categorias de causalidade do esquema etiológico acima. De acordo com este esquema, a Biomedicina interioriza sua visão de doença, ao se preocupar em analisar os processos internos, ou seja, os *comos*. Os *porquês* da doença e a atuação de agentes ocasionais que envolvem o doente são considerados como elementos contingentes, que dependem das circunstâncias para serem evidenciados no diagnóstico.

Dessa forma, segundo Zémpléni (1994), considera-se que na medicina biomédica, o interesse se localiza na *disease*, enquanto nas medicinas tradicionais é privilegiado o agente (força eficaz) e a origem da doença (conjuntural, causa última), evidenciando uma aproximação com a Homeopatia, ao privilegiar o *illness* e o *sickness* na sua terapêutica.

Deixando de pensar a doença como “um estado, para não dizer um ser, qualitativamente diferente da saúde”, outra concepção “dinamista e funcional que reconhece uma diferença de grau entre saúde e doença” (ZÉMPLÉNI, 1994), pode se referir também à Homeopatia, ao atribuir à doença uma alteração da energia vital no interior de um processo, que do mesmo modo que produziu a doença, sua reversão ou continuação, poderá produzir a cura.

Nesse caso, estas duas visões de doença são trazidas para a Antropologia como dois conceitos de causalidade distintos. O primeiro é o conceito de *consecução causal ou determinismo biunívoco*, que concebe a doença como um fenômeno que é o efeito de uma causa, única ou diversa, anterior (relação linear).

Zémpléni (1994) considera que a etiologia da consecução causal é oposta à etiologia da *conjunção constante*, em que o adoecer é um momento de fragilidade (dos vários fatores que compõem o estado de saúde) e um processo dinâmico, do mesmo modo como é visto nas sociedades tradicionais:

O reumatismo agudo de meu tio, a perda do nosso gado, minhas dores de barriga, o aborto de minha tia, meu revés profissional ou sentimental, a morte de meu primo, meus pensamentos bizarros, todos esses fatos podem repercutir uns nos outros **como efeito do mesmo encadeamento causal** ou como golpes sofridos pela integridade do próprio corpo (ZÉMPLÉNI, 1994, grifo nosso).

Se, conceitualmente, na Biomedicina as doenças obedecem aos mesmos esquemas etiológicos, através da

relação linear de causa e efeito e da classificação universal das doenças, na Homeopatia e nas medicinas tradicionais, pode acontecer o mesmo encadeamento causal com realidades intrinsecamente diferentes, isto é, a essência da doença se transforma seus efeitos já não são os mesmos, nem suas causas (ZÉMPLÉNI, 1994).

Nestas últimas, os *porquês* e a conjuntura são os principais aspectos evidenciados no diagnóstico. Contudo, os homeopatas, apesar de investigarem no momento da consulta médica os motivos ou a realidade da vida da pessoa diante da sua doença (de forma aproximada à *lógica da conjunção constante*), não conseguem alcançar a profundidade das ordens de relação que envolve o ser em suas dimensões conscientes e inconscientes, pois estes profissionais parecem não estudar em profundidade as teorias psicológicas, psicanalíticas, sociológicas, nem as analógicas. Os homeopatas parecem ver os mecanismos instrumentais (*os comos*) enquanto manifestação física dos *porquês* (mesmo não tendo um acesso profundo a eles) e da conjuntura, encontrando o medicamento semelhante no nível da cognição descortinada, por meio de uma coleta das manifestações físicas e psicológicas da enfermidade ou do sofrimento no indivíduo.

Para os homeopatas, a eficácia da cura está ligada ao estímulo dos mecanismos de defesa da própria pessoa, ajudando-a a restabelecer o equilíbrio de sua energia vital, contribuindo ao mesmo tempo para a eliminação dos sintomas que evidenciam o estado desarmônico desta energia. Esses sintomas não são somente físicos: tensões, medos, tristezas, angústias entram na rede causal do desequilíbrio e a eficácia emerge ressitando o indivíduo no mundo. Para isso, eles procuram compreender a singularidade do ser, a forma como cada indivíduo adoce as relações estabelecidas por este no mundo objetivo e subjetivo, para desse modo realizar o tratamento (DANTAS, 1982; LUZ, 1988; GERBER, 1999; LUZ, 2000).

A cura na Homeopatia é complexa, uma vez que esta ciência vê a doença como um caminho de busca do equilíbrio vivido pelo ser e expresso por sua corporalidade. Esse caminho evoca uma transformação na relação entre o ser e seus mundos. Esta relação é dinâmica e simbólica, se transforma e se atualiza a todo o momento e o adoecimento seria uma de suas formas de atualização. O êxito do médico homeopata envolve o desaparecimento ou a produção dos sintomas (já que entre saúde e doença a diferença parece ser de grau), que ocorre juntamente com uma reinterpretação da *illness* (do mal estar interior) situada na dinâmica da *sickness* (realidade sócio-cultural) da doença, envolvendo o itinerário terapêutico.

## 6. O uso social das doenças

Querendo afastar-se do *pragmatismo culturalista* das pesquisas norte-americanas e do funcionalismo inglês representado por Rivers, Evans-Pritchard, Hallowell, Ackerknecht, contidos na obra de Buchillet (1991, p. 23), que tratava as doenças partindo da sua funcionalidade na dinâmica social, tanto Buchillet (1991) quanto Zémpléni (1994) reconhecem a importância destes autores, por terem sido os primeiros a relacionar as doenças às sociedades em que as interpretações foram construídas e identificaram o papel da doença como instrumento social de controle e auto reprodução das sociedades tradicionais.

Segundo Zémpléni (1994) a doença serve, muitas vezes, como instrumento de legitimação ou como justificativa para certos acontecimentos sociais (fracassos profissionais, ausência no emprego, comportamento desviante). Nesse sentido, quando a causalidade de algum infortúnio é vista apenas como exterior à responsabilidade do indivíduo, seu estado (seja ele de qualquer doença, de stress, de mau humor, de nervosismo descontrolado, de depressão, gastrite) age como um mecanismo de ajuste às situações sociais, como por exemplo, em casos de brigas familiares, a doença pode forçar as pazes, ou pode forçar uma conduta ou um gesto. A enfermidade então é capaz de gerar atitudes que não seriam realizadas naquele momento se não houvesse a situação da doença, garantindo assim, por meio da doença sua reprodução social.

Na nossa sociedade, por exemplo, as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) revelam comportamentos sexuais não recomendáveis. Sendo assim, algumas doenças são interpretadas como punição sobre o ato desviante e asseguram uma imagem a ser reproduzida, da boa conduta social.

Isto quer dizer que tanto nas sociedades tradicionais, como em sociedades complexas como a nossa, o adoecimento possui uma força reguladora, serve como meio de orientar condutas e também de punir as que não se enquadram nas determinadas culturas. Também na questão das relações sociais, as forças que emergem destas relações, sendo biológicas (como um vírus), mágicas (como feitiçaria) ou decorrentes de sentimentos como a inveja, o ódio, o ressentimento, por exemplo, são capazes de gerar enfermidades atuando como agentes impessoais que se aproximam de punições, uma vez que buscam o controle das ações humanas (ZÉMPLENI, 1994).

No tratamento homeopático, quando a medicação converge em positividade para a saúde da pessoa, é

libertada lentamente pela consciência a informação que a pessoa precisa para curar-se, para situar-se; a pessoa deve se transformar interiormente, adquirindo mais clareza sobre as relações ao seu redor (porém, lembremos que o remédio não atua sozinho, é preciso também certa abertura cognitiva da pessoa em relação a sua consciência no mundo).

Assim, o uso social das doenças também está ligado à necessidade de um aumento nos serviços de saúde oferecidos pela nossa sociedade. Todos reconhecem a urgência de mais instituições para amparar a população doente e carente de assistência médica. No entanto, este problema suscita uma reflexão que vai além do problema em si, que envolve temas referentes às condições de vida, as origens do adoecer, de sua realidade social, que envolvem esferas mais profundas, vinculadas às contradições da vida em sociedade e a criação dos símbolos e mitos sobre o adoecimento.

## 7. A eficácia simbólica de cura

Buchillet (1991) ensinou que não se pode realizar disjunções no que diz respeito aos aspectos empírico-racionais e mágico-religiosos, diferenciando o que é objetivamente eficaz do que é simbólico para cura. Na Antropologia da Doença as doenças e as respectivas curas são pensadas a partir das interpretações e dos comportamentos. Estas categorias são vistas como representações simbólicas que emergem dentro do contexto sócio-cultural em que o doente se insere. Em outras palavras, as representações simbólicas nascem na realidade da vivência, como será visto abaixo.

Lévi-Strauss (1996) fornece, na sua compreensão de *eficácia simbólica de cura*, outra maneira de conceber o processo da cura. Para ele existe uma relação de continuidade entre as representações e as experiências vividas, isto é, as experiências são coerentes ao seu significado socialmente construído na consciência, que difere de cultura para cultura. Por meio dele e dos autores da Antropologia da Doença, é possível articular a eficácia da cura como sendo simbólica, pois ela nos leva a pensar a *relação* existente entre a mente (permeando sensações subjetivas, o *illness*), o organismo (na tradução dos sintomas biofísicos, inclusive pela *disease*), e a sociedade (a realidade cultural da doença e os mecanismos colocados à disposição, incluindo o itinerário terapêutico, abarcados no conceito de *sickness*). Assim, a *sickness* alarga e transcende o sentido das experiências, garantindo uma

coerência própria neste trajeto, não podendo ser julgada, então, como verdadeira ou falsa, objetiva ou ilusória, nas diversas sociedades em que a doença é tomada por parâmetros de análise que não sejam os da sociedade ocidental (BUCHILLET, 1991).

Mesmo tendo sido, em parte, um desdobramento da racionalidade emergente no Iluminismo que produziu o modelo biomédico, a Homeopatia prioriza a *illness*, isto é, o sofrimento individual, o mal estar e a interpretação do doente a respeito do seu estado. Ao colher os sintomas e realizar um tratamento que segue a lógica da semelhança (para alcançar a recuperação da saúde no caminho da compreensão da doença), a Homeopatia se revela como uma medicina que possui um outro olhar sobre o ser e sobre seu corpo, e a eficácia de seu tratamento também é coerente com a sua interpretação, ainda que concebida sob diferentes linhas.

Para a Homeopatia, a forma de curar da Biomedicina (por meio do uso do tratamento químico que interrompe a manifestação dos sintomas físicos), conduz o adoecimento para um grau mais profundo do que o do início da enfermidade, ou seja, para os homeopatas a alopatia não cura, ao contrário, ela faz a doença se aprofundar ainda mais e reaparecer com outros nomes e sob outras formas de manifestação no corpo do mesmo indivíduo, em outros momentos de sua vida. Mesmo assim, os homeopatas reconhecem que o uso do remédio químico não deve ser descartado, sendo utilizado em casos de urgência e não de forma indiscriminada.

Diferentemente, a *eficácia simbólica* no pensamento mágico ocorre se a relação doente-mágico-público (*sickness*) for bem integrada; a derrota do feiticeiro está associada à perda da confiança pública e não, à derrota do ato mágico que ele realizou (LÉVI-STRAUSS, 1996). Nessa perspectiva, a eficácia da Homeopatia, e também das outras formas de cura (como as mediúnicas, as benzeções) não pode ser avaliada pela Biomedicina, haja vista que esta medicina se fundamenta na divisão cartesiana do corpo e a sua compreensão de cura se situa apenas na dimensão biológica.

Para entendermos a diferença entre o sistema de cura biomédico em relação aos sistemas tradicionais e à Homeopatia, é preciso compreender que eles se constituem sob diferentes realidades sociais, e recobrem, de maneira heterogênea, aspectos do adoecer ligados à compreensão das suas causas. Deste modo, não existe de um lado a doença (pensamento/ interpretação) e, de outro, as práticas de cura (ações) (OLIVEIRA, 1988). Tudo está interligado à cultura que os unifica, que concebe as representações, que recobrem, inclusive, o *pluralismo terapêutico*, abrangendo nesse conceito a própria medicina biomédica

na sua convivência com outros modelos de cura coexistindo e se reproduzindo num mesmo espaço social (BUCHILLET, 1991).

Na Homeopatia a eficácia torna mais estreita a relação micro-macro, isto é, familiariza a relação entre a pessoa e a sua linguagem corporal. A corporalidade é composta por metáforas, fluxos, representações, movimentos e padrões de organização, que são correspondentes às propriedades do universo, compreendidas em uma conexão holográfica (PERES, 2004). O conceito de *eficácia simbólica* permite a visão da cura como um fenômeno mais complexo, que transcende a pura supressão dos sintomas físicos. Afinal, uma pessoa pode se sentir doente (*illness*) sem manifestar nenhum sinal de doença (*disease*).

Pensando com Lévi-Strauss (1970) e Morin (1973), a natureza se manifesta na cultura e a cultura na natureza, e ambas as esferas só existem na unidade da vida. Não podemos, nesse caso, buscar uma linha divisória para estes dois reinos, pois um faz parte do outro. As dicotomias ocidentais (natureza/cultura, magia/ciência, corpo/alma, arte/técnica) são articuladas neste trabalho, uma vez que busca-se na Homeopatia, no pensamento analógico e no modelo biomédico momentos de convergências, de distanciamentos, de oposições, de complementaridades, de paralelismos, como fontes de cognição que ampliam a interpretação do adoecer humano, pois existem âmbitos da realidade que transcendem tanto a magia quanto à ciência biomédica. O *bricoleur*, por exemplo, consiste numa imagem recorrida por Lévi-Strauss (1970) para exemplificar que no plano do saber, ele incorpora múltiplas variações técnicas e as desempenha de maneira livre e criativa, guiado pela sensibilidade, sem estar preso a um projeto determinado na operacionalização de uma idéia.

Analogamente, a Homeopatia também é denominada de arte de curar, em virtude dos profissionais poderem contar com várias hipóteses de tratamento divididas em linhas de pensamento e de ação. Desse modo, esta doutrina permite que a manipulação de sua prática seja relativamente livre, visto que cada profissional pode aplicar os remédios da maneira que considerar necessária. O homeopata deve articular intuição e sabedoria, realizando uma terapia particular em cada paciente.

## 8. A corporalidade e as relações com o mundo

A doença vista como uma representação simbólica que emerge do seu contexto sócio-cultural, pode expor uma situação colocada entre o doente e o seu ambiente de

relações, causada por um desequilíbrio de interações, e age como ajuste social, como mecanismo organizador dos relacionamentos (BUCHILLET, 1991; ZÉMPLÉNI, 1994):

Você vê que ao longo do tempo uma mulher ou um homem pode desenvolver determinadas patologias e se você não muda esta relação, esse ambiente onde ela está, você não vai conseguir melhorar totalmente a pessoa. Porque a gente vê que o que está causando o problema é o relacionamento, aí vai ficar difícil. Mesma coisa a relação pai e filho, aquela criança que vive doente, se você não tratar a mãe e o pai, dar umas dicas, procurar um profissional para ajudar a se relacionar com o filho, você pode melhorar em parte, melhorar a imunidade dele, mas ele vai acabar tendo doenças mais freqüentemente...(informação verbal)

Se uma pessoa está insatisfeita com seu trabalho, ou este está exigindo muito mais do que o esperado, ela pode adoecer. E esse processo será associado a uma transformação em que o corpo seria apenas o agente, a doença se tornaria então um meio necessário para a pessoa mudar sua maneira de ver ou de se relacionar com a situação vivida, ou seja, a doença não se situa apenas no corpo, sua linguagem opera na transcendência das relações. Hahnemann (1984) expressa no parágrafo 226 do Organon da Arte de Curar esta visão ascendente de doença e cura:

São somente doenças emocionais assim, que foram primeiramente engendradas e posteriormente mantidas pela mente, que enquanto forem recentes e antes de terem invadido gradualmente todo o corpo, podem, mediante remédios psíquicos, como provas de confiança, conselhos amigos, recomendações sensatas e, muitas vezes, mediante simulações bem disfarçadas, ser rapidamente transformada em um estado mental sadio (e, com dieta e regimes apropriados, ser alterada, também em sanidade corporal) (HAHNEMANN, 1984).

Nesse caso, a realidade de um processo de adoecimento concentra muitos elementos subjetivos que são, ao mesmo tempo, individuais e sócio culturais, e conforme a maneira como são interpretados, alcançam a direção de uma cura mais profunda, ou seja, relacionada ao contexto simbólico e imaginário que abrange a nossa corporalidade.

## 9. A lógica simbólica das doenças

Durante uma situação em que se constata a ocorrência de uma doença, são muitos os caminhos tomados pelo doente em cada sociedade. Para abarcar essa problemática, Augé (1974) formulou o conceito, já mencionado, de *itinerário terapêutico* que significa, segundo Buchillet:

...o conjunto de processos implicados na busca de um tratamento desde a constatação de uma desordem, passando por todas as etapas institucionais (ou não) onde podem se atualizar diferentes interpretações (paciente, família, comunidade, categorias de curadores, etc.) e curas (BUCHILLET, 1991).

Para Zémpléni (1994), a questão das conexões causais em torno da doença implica na compreensão do *itinerário terapêutico*, que se inicia, de forma semelhante, nas diversas sociedades, a partir do momento em que se percebe a doença. No entanto, os procedimentos são muitos e as conexões causais também. Quando ocorre a persistência do quadro sintomático do adoecimento nas sociedades tradicionais, por exemplo, quando a doença se torna crônica, há uma nova interpretação da doença, em que a busca causal se torna prioridade, não se vinculando mais aos sintomas apresentados inicialmente.

Zémpléni (1994) identifica outras conexões causais e terapêuticas nas sociedades tradicionais, que nos remetem às analogias presentes na reflexão do adoecimento nas diversas sociedades. Há para ele muitos sintomas referentes ao mesmo agente causal, ou um sintoma referente a um grupo de agentes, tais como animais, forças espirituais, atitudes proibidas. Para este autor, a análise dessas conexões nos leva à lógica simbólica de cada cultura em particular.

Alguns exemplos levantados por ele se situam na relação entre a doença-sintoma e sua identificação com animais, plantas, ou com algumas características presentes nesses reinos, como forma de identificação da enfermidade e de sua causa: Para os *Evuzok*, um grupo de enfermidades denominadas *fulu*, são doenças infantis ligadas a uma atitude proibida realizada pela mulher grávida, geralmente provocadas por um animal. Por exemplo, se uma mulher grávida comer a carne do pássaro *ekukui* (que é proibida),

quando conceber o filho, este apresentará uma doença *fulu*, isto é, sua respiração será ofegante tal qual a do pássaro (ZÉMPLÉNI, 1994).

Para Zémpléni, essas características do pensamento analógico caracterizam-se por:

...uma tríplice conexão entre o sintoma e seu agente: a) o primeiro lembra, metonimicamente, algum traço do segundo: a diarreia verde, o periquito (guagiuro); a tosse da pessoa que está com coqueluche, o grito do macaco osog (evuzog); lábio leporino, a forma do focinho do porco-espinho (zandé), etc. b) o remédio contém uma substância retirada da espécie a qual pertence o agente. c) enfim, a relação causal é enunciada explicitamente e a priori entre o sintoma, sua origem e seu agente (ZÉMPLÉNI, 1994).

Na Homeopatia, alguns medicamentos também são usados no interior da relação de identidade com imagens da natureza, como exemplo, uma amidalite bem vermelha e inflamada com pus, parece-se com uma picada de abelha, e o medicamento homeopático pode ser o que utiliza o veneno da abelha na diluição.

Muitos homeopatas buscam encontrar a origem de uma enfermidade ou de um ou mais sintomas presentes no organismo, que podem estar vinculados a problemas mais antigos, vindos do passado. Igualmente podem estar ligados a uma história familiar, a um mal que sempre repete de geração em geração, em vários ou em um só membro da família durante toda a vida. Do mesmo modo, os sintomas de uma doença apresentados por um indivíduo (em algumas sociedades tradicionais) podem ser vistos como efeito de uma força, ou de um *poder patogênico* pertencente a uma linhagem familiar ascendente, configurando uma patologia com dimensões coletivas que tem um sentido, um objetivo, que é o de ser reparada pelas gerações futuras. Zémpléni (1994) esclarece que essa concepção de doença pode ser presente ou ausente, e também pode variar em muitas sociedades.

## 10. A relação médico-paciente

Um aspecto importante na relação médico-paciente é que na Homeopatia ela ganha força considerável no processo da cura. Nesse aspecto da discussão, duas posições se evidenciaram:

Às vezes a gente tem o efeito que é o efeito da consulta, às vezes até ajuda a atrapalhar a avaliação de um remédio bom, porque você pega o indivíduo e só por ele conversar com você, se abrir com você ele já melhora, então a gente interfere diretamente... (informação verbal)

Ou ainda:

Olha, eu diria que a grande ajuda é isso aí. Se você não conhecer bem o paciente e se o paciente não confiar em você como médico, as respostas terapêuticas vão ser diferentes...O ato terapêutico é uma coisa complexa. Consiste em que? em você conversar com o paciente, em você tocar o paciente, em você mexer no paciente, o paciente tem que se expor, tem que falar e tem que conversar, que se abrir, que confiar, né? Então muito da melhora é isso também, um bom relacionamento, quanto mais eu entendo os pacientes mais eu consigo achar os remédios que vão ajudá-los e, isso é fundamental. Não dá para trabalhar como a medicina atual trabalha, por exemplo, com muito exame, computador fazendo diagnóstico, você tem que ter um raciocínio clínico, você tem que conhecer a parte emocional, que é como o paciente reage, só assim você poderá ajudar...(informação verbal)

Dessa maneira, pelo menos em teoria, os homeopatas mostram-se preocupados com a relação médico-paciente, realizando a ligação entre a subjetividade do doente, a relação deste com seu meio, com seu sofrimento e com seu médico, semelhante como acontece nas sociedades tradicionais.

Contrariamente, percebe-se em alguns relatos que alguns deles ainda conservam muitos aspectos da racionalidade biomédica, como por exemplo, a concepção naturalista de corpo:

Eu acredito na energia totalmente desvinculada, porque energia vital não tem nada a ver com o corpo espiritual. Isso é bem claro quando você estuda a Homeopatia. Não tem nada a ver. A energia vital é aquela história: você está vendo a carne, mas a gente é átomo de hidrogênio, carbono, nitrogênio, com aqueles elétrons girando em volta, é isso que a gente é, então, seguramente você tem um campo eletromagnético, energia vital para mim é esse

conceito diferente de alma e espírito... Alguns livros de espiritismo falam de Homeopatia e falam até coisas que são verdadeiras, mas não tem nada a ver com a Homeopatia porque ela é uma ciência... É bom não misturar muito isso porque pode gerar dúvidas...(informação verbal)

Nesse caso, por exemplo, as relações subjetivas são vistas no plano natural, mas embora ele veja mais claramente as conexões entre as outras esferas de relações do que o modelo cartesiano vê, as relações existentes entre as forças das representações e sua imbricação atuando no corpo não são levadas em conta por esse profissional.

Zémpléni (1994) afirma que a doença pode ser vista como um evento, um episódio que suscita algumas correlações: a) *sua seletividade individual*, que remete à natureza biológica do corpo e à relação do ser com seu universo, que explicaria na sua interpretação os *porquês* do acontecido; b) *sua conexão com outros eventos nefastos*, ou seja, está relacionada a uma seqüência causal maior que a propriamente intrínseca, ela pode ser decorrente da força que os acontecimentos ruins desencadeiam (por exemplo, morte de um ente querido, assalto, desemprego); c) *sua influência emocional e sua reação social*, isto é, o adoecimento e a cura obrigam a uma aproximação do ser com seus entes mais próximos, ou seja, a pessoa doente requer cuidados e afeto; d) *sua recorrência, sua reversibilidade e sua historicidade*, ou seja, toda doença implica um sofrimento e também é, na maioria das vezes, solucionável. Ela obriga uma interpretação dos sintomas físicos associados ao significado cultural da qual faz parte. Quando se torna crônica, recorrente, ela remete a uma explicação mais ampla, ligada à história da pessoa ou do grupo atingido (ZÉMPLÉNI, 1994).

Zémpléni ressalta que estas propriedades são variáveis e que podem ou não ocorrer, ou se diferenciar, nas sociedades tradicionais. O importante para ele é que, nestas sociedades, as interpretações das doenças não se concentram apenas nas mãos dos profissionais da cura (tais como médicos, mágicos, curandeiros). As interpretações emergem na relação entre as pessoas envolvidas, e se orientam de acordo com a lógica simbólica da sociedade. Para esse autor, o importante é que nas interpretações sobre o adoecimento: “seu efeito é tanto a modificação positiva e negativa do estado do doente, quanto à modificação da textura do grupo ou dos grupos ao qual ele pertence” (ZÉMPLÉNI, 1994).

## 11. A homeopatia e o espiritismo

Nas entrevistas com os homeopatas de Piracicaba buscou-se extrair a posição deles em relação ao vínculo existente entre Homeopatia e Espiritismo, já que esta conexão estava presente nas bibliografias que contavam a história da Homeopatia no Brasil.

Nessa perspectiva, quando eles foram indagados se acreditavam em outras formas de cura que não fossem a homeopática e a biomédica, mais especificamente a cura espiritual, dos 15 homeopatas abordados, 2 deles manifestaram certo preconceito em relação aos outros saberes:

Não, nada disso, o Hahnemann não podia nem ver essas coisas percebe?... Ele teve o insight de desenvolver a Homeopatia, era uma visão objetiva, não tinha esse negócio de esoterismo, metafísica. Então se você pegar o livro dele inteirinho você não vai ver nenhuma alusão a algo que não possa ser experimentado na prática... Então você vê que é uma coisa eminentemente prática, terrena, experimental, é uma coisa que está ali ligado com a natureza humana mesmo, do jeito que nós vamos viver nesse intervalo entre a vida e a morte, aqui na Terra, a Homeopatia não pode inventar nada senão você se perde e não cura mais ninguém...(informação verbal)

Misturam muito o espiritismo com Homeopatia, porque tem muitos médicos espíritas, mas não tem nada a ver Homeopatia com espiritismo, acho até que a Homeopatia fica meio descrente porque as pessoas misturam muito...(informação verbal)

Quando ocorreu um questionamento a respeito da relação entre a Homeopatia e outras formas de cura consideradas alternativas, a resposta de dois deles foi:

Só tem dois sistemas que podem curar, a Alopatria e a Homeopatia...(informação verbal)

Eu acho que uma série de práticas alternativas são feitas por pessoas despreparadas, que não podem estar mexendo com o ser humano porque não o conhecem e acabam buscando um dos setores que talvez tenham o acesso maior: o lado espiritual, o lado mental...E vão querer arrumar a orquestra

tocando as cordas do violino só. E as vezes fazem grandes catástrofes...(informação verbal)

Um deles se situou entre a visão estritamente cartesiana e a visão espiritualista:

Eu me interesso, sou espiritualista, não sigo a religião espírita, mas sou espiritualista, gosto de ler alguma coisa nesse sentido, mas não costumo misturar isso com o meu tratamento, com a Homeopatia, não faço essa ligação...(informação verbal)

Porém, os outros 11, cada qual a sua maneira, expressou uma visão do ser que ultrapassa sua dimensão material, perpassando o campo do espiritualismo e até do espiritismo. Vejamos alguns desses depoimentos:

Eu acho que cada momento que passa, que não é só a tecnologia, você tem o poder da mente, você tem o poder de uma pessoa curar a outra, ela energizar a outra, mexer com a energia vital da pessoa e restabelecer o equilíbrio. Então a acupuntura vai mexer com os canais de energia, a benzeção eu acredito porque ela em muitas vezes é imediata e resolve, também é uma energia do espírito, alguém que tem o poder de conseguir energizar o espírito do outro...(informação verbal)

Eu posso dizer que fui para o espiritismo por causa da Homeopatia, minha família também é espírita. Eu nunca tinha me interessado. Mas quando eu fui fazer Homeopatia pelo pouco que eu sabia do espiritismo eu notei algumas coisas em comum e aí eu comecei a me interessar...(informação verbal)

Não sou espírita de estudar ou freqüentar, minha formação inicial é católica. Mas não tenha dúvida que eu acredito no espiritismo, talvez não nesse conceito deles, mas da minha maneira de ver, acho que espírito existe da minha maneira, existe uma coisa energética maior, uma coisa que a gente passa para outras ondas e que vem de outros mundos, acho que nesse aspecto sim... (informação verbal)

Abaixo há um homeopata que se situou dentro da doutrina espírita:

Como Kardecista eu acredito totalmente nisso. A Homeopatia trata da energia, e pra mim existe essa

correlação, se eu estou tratando da energia por que melhora a matéria?... Adoecem os dois. Nós somos um todo, não tem como separar, eu não tenho como agredir minha matéria sem agredir minha energia. Eu acho que num grau de hierarquia a matéria demora mais a adoecer por que? Porque a energia adoeceu. Mas talvez, segundo alguns autores, por ela ser mais rústica ela demore mais para manifestar a doença. Mas na verdade adoeceram juntos. Tem fundamento...(informação verbal)

A partir destas falas, é possível perceber que os homeopatas em grande parte possuem uma relação com o espiritismo, mesmo que indireta, mesmo que pouco clara. O que foi notado com unanimidade nas entrevistas foi a não redução do corpo a um organismo estritamente material e separado do mundo. Mesmo os homeopatas mais cartesianos vêem o fenômeno do adoecer como a voz interior manifestada pela corporalidade, vêem o ser dentro do contexto que o rodeia. Este aspecto da discussão conflui para a teoria antropológica do adoecimento, visto como uma experiência situada entre o âmbito simbólico e o orgânico, que revela a unidade entre o natural e o cultural, o corpo como metáfora do universo objetivo e subjetivo que permeia as relações em que ele é o intermediador.

## 12. As forças simbólicas em atuação

Neste artigo, foi fundamental compreender como as representações simbólicas sobre doenças dos homeopatas em Piracicaba podem conduzir à realidades mais complexas, que vão além da disputa entre saberes existentes na dinâmica desse macro campo cognitivo, que é a cultura. Essas disputas abrem espaço para discussões mais abrangentes sobre a complexidade do adoecer, a singularidade do ser humano, relacionando dessa maneira o micro ao macro, o ser ao mundo (LALLEMAND, 1989; OLIVEIRA, 1998; DURAND, 2002).

As diferentes relações do ser com seus mundos, por sua vez, abrem caminho para o acesso a outras lógicas presentes nas teorias ligadas às curas.

Isto quer dizer que as diferentes representações sobre a realidade quando interagem em relações sociais contraditórias, como a que ocorreu entre a Homeopatia e o modelo biomédico, ativam mitos que atuam como forças

em conflito, que são mobilizadas sob formas diversas em contextos variados, tecendo um imaginário da sociedade (DURAND, 2002). Dito de outro modo há uma convergência entre Durand e Godelier, pois como o homeopata pensa o adoecimento situando o ser em sua vida, ele se diferencia do médico cartesiano, que separa a pessoa de sua corporalidade. Esta diferença não representa apenas, no aspecto empírico, a particularidade de cada modelo ou de cada médico tratar a enfermidade. Ela representa uma interpretação e uma relação direta do indivíduo (no caso o médico) com o mundo, com as crenças, com a ordem social, com o imaginário, com a terapia de tratamento escolhida (biomédica ou homeopática, por exemplo), estando a *eficácia simbólica de cura* ligada diretamente a estas concepções (GODELIER, 1981).

É aqui que o conceito de estrutura identificado como arquétipo, ou seja, padrões repetitivos e modeladores, se aproxima daquilo que queremos expressar.

Durand afirma que o estruturalismo formal também ampliado por Godelier (1981), se tornou insuficiente para se compreender as forças que atuam no imaginário das pessoas:

...para nós a estrutura fundamental, “arquétípica”, nunca deixou de considerar os materiais axiomáticos - logo as “forças” - do imaginário. Por detrás das formas estruturadas, que são extintas ou arrefecidas, transparecem, fundamentalmente, as estruturas profundas que são, como Bachelard ou Jung já o sabiam, arquétipos dinâmicos, “sujeitos” criadores (DURAND, 2002).

Nesta citação, Durand realiza, então, crítica ao conceito formal de estrutura de Lévi-Strauss (1996), mostrando que esta forma de pensar a estrutura não abarca o processo arquétípico que inclui a dinâmica das forças que atuam no imaginário. Para ele, os mitos, os símbolos, os valores, nascem das relações existentes entre a consciência e a realidade empírica.

Do mesmo modo, as entrevistas realizadas com os diferentes homeopatas de Piracicaba mostraram que apesar de cada um deles ter a sua própria representação de doença, e também de homeopatia, cada representação nasceu de uma pessoa que viveu, que leu, que experienciou, que tratou, que presenciou fatos e acontecimentos que o levou a criar as suas próprias idéias e práticas sobre a saúde e a doença.

Depois de concretizado o trabalho de campo com esses médicos, conclui-se que existem infinitos campos de relações analógicas criadas por inúmeras culturas, referentes à construção do universo (da lua, do sol, das estrelas, etc.), à explicação da ação das forças da natureza (como tempestades, secas, etc.), à explicação de sintomas físicos, de brigas entre familiares, de perda do cultivo, de adultério, etc.

A analogia aqui presente abre-se para um mundo rico que pode ser pensado como um *texto*, suscetível a inúmeras leituras, revelando a todo o momento a pluralidade dos significados das relações de equivalências criadas pelas pessoas e pela própria ciência médica. Assim como o corpo, como o ser, o mundo também é um campo de símbolos que são interpretados pelas mais variadas culturas, articulando infinitas possibilidades de conexões que geram os significados e produzem os mitos (MANSUR, 2000).

Em relação ao adoecimento humano, o pensamento analógico ajudou a compreender o ser como um espaço onde cada saber da medicina, como a Homeopatia, imprime sua interpretação e seu relacionamento.

## Biografia

ALMEIDA, M. C. Complexidade, do casulo à borboleta. In: CASTRO, G., CARVALHO, E. A. e ALMEIDA, M. C. (Org.) **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

AMORIM, M. **Uma sincronicidade para cura**. Rio de Janeiro: Hipocampo, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FARMACÊUTICOS HOMEOPATAS. **Manual de normas técnicas para farmácia homeopática**. São Paulo, 1995.

AUGÉ, M. (org.). **A construção do mundo**. São Paulo: Edições 70, 1974.

BERGEL, R. Conceito de homeopatia unicista, alternista, pluralista, complexista. In: NASSIF, R. G. (Org.). **Compêndio de homeopatia**. Robe Editorial: 1997.

BUCHILLET, D. A antropologia da doença e os sistemas oficiais de saúde. **Medicinas tradicionais e política de saúde na Amazônia**. Belém do Pará: CEJUP, MPEG/UEP, 1991.

BURKHARD, G. **As forças zodiacais**. São Paulo: Antroposófica, 1987.

- CANESQUI, A. M. (org.). **Ciências sociais e saúde para o ensino médico**. São Paulo: Hucitec/ Fapesp, 2000.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CARVALHO, J. C. P. **Energia, símbolo e magia: uma contribuição à antropologia do imaginário**. São Paulo, 1984. (Tese Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- DANTAS, F. **O que é homeopatia**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DETHLEFSEN, T. e DAHLKE, R. **A doença como caminho**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURAND, G. **Science de l'homme & tradition**. Paris: Tete de Feuilles, 1975.
- GERBER, R. **Medicina vibracional**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- GODELIER, M. **Horizontes da antropologia**. Lisboa: Perspectivas do Homem, 1977.
- GODELIER, M. **Godelier: antropologia**. In: CARVALHO, E. A. (org.). São Paulo: Ática, 1981.
- HAHNEMANN, S. **Exposição da doutrina homeopática ou organon da arte de curar**. São Paulo: Bernoit Mure, 1984.
- HAHNEMANN, S. **Doenças crônicas: sua natureza peculiar e sua cura homeopática**. São Paulo: Bernoit Mure, 1984.
- IBÁÑEZ, N. ; MARSIGLIA, R. **Medicina e saúde: um enfoque histórico**. In: CANESQUI, A. M. (org.). **Ciências sociais e saúde para o ensino médico**. São Paulo: Hucitec/ Fapesp, 2000.
- KENT, J. T. **Filosofia homeopática**. Buenos Aires: Albatros, 1993.
- LALLEMAND, S. **Cosmologia, Cosmogonia**. In: AUGÉ, M. (org.). **A construção do mundo**. (Religião, Representações, Ideologia). São Paulo: Edições 70, 1974.
- LANGDON, E. J. **A doença como experiência: a construção da doença e seu desafio para a prática médica**. Palestra oferecida na Conferência 30 Anos Xingu, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1995.
- LAPLANTINE, F. **Antropologia da doença**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Rio de Janeiro: Nacional, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, C. **A eficácia simbólica. Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Natureza e cultura. As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- LUZ, T. M. **A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil**. São Paulo: Dynamis, 1996.
- LUZ, T. M. **Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- LUZ, T. M. **Medicina e racionalidades médicas: estudo comparativo da medicina ocidental, contemporânea, homeopática, tradicional chinesa e ayurvédica. Ciências sociais e saúde para o ensino médico**. In: CANESQUI, A. M. (org.). São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2000.
- MANSUR, J. C. **La unión cuerpo y alma desde el lenguaje analógico**. In: XIV Congresso Interamericano de Filosofia, IX Congresso de la Asociación Filosófica de México, I Colóquio Internacional de Estética, México, 2000.
- MAUSS, M. A. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, Edusp, 1974.
- MORIN, E. **O paradigma perdido**. Portugal: Publicações Europa-América, 1973.
- MORIN, E. **O homem e a morte**. Portugal: Publicações Europa-América, 1970.
- MORIN, E. **Complexidade e ética da solidariedade**. In: CASTRO, G.; CARVALHO, E. A. ; **Os sete saberes necessários á educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- ALMEIDA, M. C. (Org.) **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- NOVAES, R. L. **O tempo e a ordem: sobre a homeopatia**. São Paulo: Abrasco, 1989.
- OLIVEIRA, E. R. **Representações sociais sobre doenças: os magos da ciência e os cientistas da magia**. In: BOTAZZO, C.; FREITAS, S. F. T.(Org.) **Ciências sociais e saúde bucal: questões e perspectivas**. São Paulo: Edunesp; Bauru: Edusc, 1998.
- OLIVEIRA, R.C. **Mauss**. São Paulo: Ática, 1979.

PERES, S. M. P. A homeopatia, o mana e a r atio hermética. **Política & Trabalho**. Ano 20, n.21. João Pessoa: PPGS – UFPB, 2004.

PERES, S. M. **Homeopatia e Pensamento analógico**. Disserta o de mestrado em ciências sociais - UNESP - Araraquara, 2003.

ROSENBAUM, P. **Homeopatia e vitalismo**. Um ensaio acerca da anima o da vida. São Paulo: Robe Editorial, 1996.

ROSENBAUM, P. **Miasmas**. Saúde e enfermidade na prática clínica homeopática. São Paulo: Roca, 1998.

SANAN S, R. **Lenguaje del cuerpo y homeopatia**. Barcelona: Urano, 1990.

SONTAG, S. **A doença como metáfora**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

WILBER, K. (org.). **O paradigma holográfico e outros paradoxos**. São Paulo: Cultrix, 2001.

ZÉEMPLÉNI, A. A “Doença” e suas “Causas”. **Cadernos de campo**, 1994.